

Aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise do letramento no 1º ano do Ensino Fundamental – Jaguaré/ES

Cleonice Osmara Rodrigues da Silva
Sônia Maria da Costa Barreto

10

Resumo: A pesquisa se norteia pelo problema que é: Como se dá o processo da aquisição da leitura e escrita dos alunos no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola no município de Jaguaré - ES. A justificativa pelo tema nasceu das inquietações advindas, das observações realizadas durante os anos de trabalho em sala de aula. O Objetivo Geral é pesquisar o perfil leitor de crianças durante o processo de alfabetização e letramento em uma escola pública. A Metodologia utilizada inicialmente foi a pesquisa bibliográfica. Posteriormente, a pesquisa de campo, através de entrevista com as professoras das turmas do 1º. ano do Ensino Fundamental, a fim de construirmos informações sobre seu perfil e sobre o seu trabalho com a aquisição da língua escrita pelos alunos, conforme apresentação dos dados e análise dos resultados.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Alfabetização. Perfil leitor dos alunos.

Creeding and writing learning: an analysis of the lettering year of elementary education - Jaguaré/ES

Abstract: The research is guided by the problem that is: How is the process of acquisition of reading and writing of students in the 1st year of elementary school of a school in the city of Jaguaré - ES. The justification for the theme came from the concerns that came from the observations made during the years of work in the classroom. The General Objective is to research the reading profile of children during the literacy and literacy process in a public school. The methodology initially used was bibliographic research. Subsequently, the field research, through an interview with the teachers of the 1st class. Elementary School, in order to build information about their profile and their work with the acquisition of written language by students, according to the presentation of data and analysis of results.

Keywords: Reading. Writing. Literacy. Profile.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira ainda sofre com o grande número de analfabetos funcionais que têm dificuldade para interpretar criticamente as informações contidas nos textos orais ou escritos. Saber interpretar e inferir no texto oral ou escrito é um processo de inteligência de mundo que envolve a pessoa em sua essência e singularidade na capacidade de interação com o outro pela mediação da palavra no seu contexto.



Dessa forma e preocupada com a questão em tela, apontamos como problema da pesquisa: Como se dá o processo da aquisição da leitura e escrita dos alunos no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola no município de Jaguaré - Espírito Santo. E o Objetivo Geral está focado em: pesquisar o perfil leitor das crianças do 1º. ano do Ensino Fundamental durante o processo de alfabetização e letramento em uma escola pública no município de Jaguaré-ES.

Os Objetivos Específicos propõem destacar: a importância em se propiciar a leitura atraente e diversificada, promovendo uma prática lúdica; Traçar o perfil leitor dos alunos quanto à compreensão, a interpretação e a identificação textual; Relatar os processos da leitura, escrita e reescrita de textos em que ocorre a compreensão dos educandos das normas convencionais, sem que ocorra necessidade de memorização de regras e exceções próprias de nossa língua portuguesa; apresentar sugestões para possibilitar melhores condições para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento.

Neste estudo, será abordada a importância do ensino de leitura e produção de textos, como instrumentos para melhoria na educação cognitiva do aluno, seguindo o referencial teórico que fundamenta o estudo. A nossa fundamentação teórica está fundamentada debruçamos nas teses de doutorado de Kato (1988), Soares (2011), Soares e Batista (2015), Coelho (2010) e outros.

Primeiramente, recorreremos a pesquisa bibliográfica, de forma a evidenciar as ideias subsidiadas por autores que também se dedicaram à pesquisa do tema e afins. Posteriormente, como forma de endossar os dados bibliográficos elencados, utilizamos, como metodologia, a pesquisa de campo, através de entrevista com professoras das turmas de 1º ano de escola municipal de Jaguaré-ES. Prosseguindo, lançamos mão de uma sondagem para avaliar o nível de leitura e escrita de cinco alunos das turmas. Optamos, como amostra, entrevistar duas professoras do 1º ano do turno matutino e duas professoras de 1º ano do turno vespertino, perfazendo um total de quatro docentes participantes.



Como procedimentos de coleta de dados foi utilizado um questionário como instrumento para a entrevista semiestruturada realizado com as professoras a fim de construirmos informações sobre o seu perfil e o desenvolvimento do seu trabalho com a aquisição da língua escrita. Além disso, realizamos uma sondagem diagnóstica com cinco crianças para investigar os seus níveis e hipóteses acerca da escrita e leitura.

Este trabalho compreende a língua como um sistema discursivo, isto significa que a língua tem sua origem na interlocução e na organização para funcionar com fluidez. Esse sistema inclui regras vinculadas às relações das formas linguísticas entre si e as relações dessas formas com o contexto em que são usadas. Logo, tem como centro a interação verbal, que se faz através de textos ou discursos falados ou escritos.

Desenvolvimento

A educação é a base para a edificação humana no desenvolvimento de suas inteligências, com suas múltiplas competências. Ensinar a ler e a escrever é proporcionar ao cidadão autonomia, para tornar-se capaz de inferir com criticidade, na informação que lhe é transmitido.

Em princípio a relação fala/escrita não pode ser reduzida a um problema de natureza estritamente linguística, é no seu bojo, antropológico e epistemológico, já que diz respeito à noção de língua. Torna-se importante à superação da visão dicotômica e a negação da autonomia da escrita frente à oralidade, considerando que a escrita não é autônoma, não é descontextualizada, nem possui alguma virtude imanente pela natureza da tecnologia que representa.

A escrita não é uma representação da fala, pois há na fala muito mais do que apenas aquilo que os sinais gráficos podem expressar. Porém, a escrita também tem seu lado específico com elementos que a fala não possui. Em outras palavras, a escrita e a fala são dois modos concomitantes de representar a mesma língua.

Uma das intenções dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs é refletir a natureza da relação entre fala e escrita do ponto de vista teórico,



epistemológico e linguístico, sem esquecer os aspectos históricos, antropológicos e cognitivos.

O exercício do diálogo na explicitação, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitudes de confiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro (BRASIL, 1998, p.41).

Assim, a proposta explicitada nos PCN's de Língua Portuguesa visa apresentar, naquilo que se refere ao desenvolvimento da oralidade, um conjunto de procedimentos que assume explicitamente o texto falado como ponto de partida para se chegar à produção do texto escrito. Logo, esperamos contribuir para as práticas que argumentam a favor da utilização da língua falada como base para uma nova metodologia de ensino da língua materna. Castilho (apud KATO, 2009, p. 121), chama a atenção para a necessidade de se inserir nos programas de Língua Portuguesa, informações relacionadas à linguagem oral, sugerindo que “[...] uma ênfase particular deveria ser dada à língua falada, porque esta modalidade retém muito dos processos de constituição da língua, os quais não aparecem na língua escrita”. Fica claro nessa sugestão algo de importância fundamental: a reavaliação da língua falada em si, o que significa reconhecer como objeto de análise algo que traduz diferentes momentos do processo de construção do texto. Tal procedimento, por sua vez, pode contribuir para que o aluno conceba o texto quer falado quer escrito, como resultado de um processo que implica reestruturações, múltiplas revisões, hesitações e refazimentos em diferentes níveis (lexical, ortográfico, sintático, morfológico, semântico e discursivo).

Observamos que as relações entre fala e escrita ou entre oralidade e letramento, seja na perspectiva dos eventos ou das práticas dos discursos ou dos textos materializados, não podem ser confinadas aos seus aspectos linguísticos, pois o uso da língua na vida diária nunca será um uso autônomo, desligado da realidade sócio comunicativa. Isto implica a necessidade de uma noção de língua como atividade sócio-interativa, fugindo da pura contemplação de formas.



Em suma, a proposta dos PCN's sugere que se evite recortes epistemológicos preconceituosos e dicotômicos e se parta para a análise da língua como atividade situada. Sendo assim, é necessário “[...] desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos e de assumir a palavra, produzindo textos em situações de participação social, o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora” (BRASIL, 1998, p.41).

A Linguística e a Pedagogia reconhecem a língua falada, de importância tão fundamental, na vida cotidiana dos cidadãos, como legítimo objeto de estudo e atenção. Coexistem, em nossa sociedade, usos diversificados da língua portuguesa. É justo e necessário respeitar esses usos e os cidadãos que os adotam, sobretudo quando esses são crianças ingressando na escola. Os alunos falantes de variedades linguísticas diferentes da chamada "língua padrão", por um lado, têm direito de dominar essa variedade, que tem relevância e é a esperada e mais bem aceita em muitas práticas valorizadas socialmente. Por outro lado, têm direito também ao reconhecimento de que seu modo de falar, aprendido com a família e a comunidade, é tão legítimo quanto qualquer outro, portanto, não pode ser discriminado.

Os PCN's focalizam alguns fatores e condições à integração dos alunos ao mundo letrado. Isto significa dizer que o processo de letramento deve ter orientação sistemática, para que os alunos compreendam e se apropriem da cultura escrita. Indicam-se nesta orientação, as competências e habilidades bem como os conhecimentos gerais a serem adquiridos e sugerem, gradativamente, procedimentos que podem ser adotados para a concretização desses objetivos.

O trabalho com a língua materna, voltado para o letramento, não pode ser desvinculado do trabalho específico de alfabetização. O investimento deve ocorrer nos dois processos, simultaneamente, porque os conhecimentos e competências/habilidades adquiridos pelos alunos numa área contribuem para o desenvolvimento da outra área.

Quanto às competências e habilidades necessárias para o uso de materiais de leitura e escrita especificamente escolares, as mesmas devem ser



trabalhadas sistematicamente, logo na chegada dos alunos na Educação Infantil e mantidas ou retomadas sempre que for necessário, até a conclusão do Ensino Fundamental

A cultura escrita diz respeito às ações, valores, procedimentos e instrumentos que constituem o mundo letrado. A compreensão dessa cultura advém do processo de integração do aluno neste ambiente letrado, seja através de sua vivência e inserção numa sociedade que faz uso generalizado da escrita, seja através da apropriação de conhecimentos da cultura escrita especificamente trabalhados na escola. É através desse processo que os alunos passam a compreender o uso social da escrita e, pedagogicamente, gera práticas e necessidades de leitura e de escrita que darão significado às aprendizagens escolares e aos momentos de sistematização adotados pelo professor.

Atualmente, todo cidadão encontra-se, de algum modo, inserido numa cultura letrada, independentemente de seu grau de escolaridade, uma vez que ele tem documentos escritos e utiliza também de práticas que dependem da escrita. Contudo, é função da escola ampliar essas experiências de integração e participação ativa no cotidiano da cultura da língua escrita. Estar ativamente inserido escrita significa ter comportamentos “letrados”, atitudes e disposição frente ao mundo da escrita (como o gosto pela leitura), saberes específicos relacionados à leitura e à escrita que possibilitam usufruir seus benefícios.

A compreensão do funcionamento da escrita e a inserção nas práticas do mundo letrado dizem respeito às competências de ler e escrever com autonomia (meta central da escolarização), mas que não dependem exclusivamente dessas competências. Ao contrário, o sucesso ou o fracasso dos alunos na alfabetização e no Ensino Fundamental vai depender, muitas vezes, de sua inserção na cultura escrita.

Compreender o mundo da escrita de uma maneira geral, é um fator que favorece o progresso na escolarização como também se torna uma consequência da aprendizagem da língua escrita na escola. Embora se reconheça que os alunos tenham amplo acesso à escrita, percebemos também que muitos desses alunos desconhecem algumas de suas manifestações e



utilidades. Por isso é importante que a escola, pela mediação do professor, proporcione aos alunos o contato com diferentes gêneros e suportes de textos escritos e lhes possibilitem vivência e conhecimento dos mesmos.

No sentido de adequar a proposta à real situação dos alunos, o docente – em conjunto com toda a escola – deve aliar acuidade e disposição positiva para implementar a proposta, atentando para as reais circunstâncias em que o trabalho deve ser desenvolvido, compreendendo que a interdisciplinaridade reúne estudos diferenciados de diversos especialistas em um contexto coletivo de pesquisas.

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 2006, p. 11).

O analfabeto adulto, como as crianças, sabem, mesmo antes de vir para a escola, que a escrita é um sistema de representação e fazem hipóteses de como se dá tal representação. E isso implica em um esforço para elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas é modificada e passa a depender cada qual das demais.

A interação proporciona um enriquecimento recíproco, com transformações em diferentes aspectos, como por exemplo, nas suas metodologias de pesquisa, nos seus conceitos, nos modelos teóricos. Os intercâmbios entre as disciplinas são mútuos e a noção de interdisciplinaridade incorpora-se ao discurso e à prática pedagógica, como expressão de uma busca para superar o isolamento entre as disciplinas e para construir propostas educativas mais adequadas aos anseios dos educadores de trabalharem a formação para a cidadania a partir da realidade do aluno.



Tendo em vista a amplitude do processo de alfabetização e letramento, nos nortearmos por autores que trazem conceitos valiosos para a sustentação da nossa escrita.

Soares (2013) destaca as concepções de alfabetização e letramento em seu trabalho intitulado “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”. Trabalho este apresentado no Grupo de Trabalho – GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd (2003), realizada em Poços de Caldas/MG. Na oportunidade indica aos educadores/alfabetizadores que é necessário entender que a alfabetização ocorre de forma imprevisível e que é importante estar preparados para essas facetas a que se refere.

Ferreiro (2011), em sua obra “Reflexão sobre Alfabetização” reforça a necessidade de não se optar por um ensino-aprendizagem alfabetizador “opressor”, coercitivo, mas de forma natural, estimulante em que se trabalhe a leitura e a escrita de maneira diversificada.

Freire (2011) atenta, em seu livro, “Alfabetizando leitura do mundo, leitura da palavra” que a palavra é a porta de entrada para que o aluno possa conhecer o mundo e se reconhecer parte dele, transformando-o. Ler a palavra é ler o mundo a sua volta.

Piaget (2007) indica em sua obra “A equilibração das estruturas cognitivas” que é preciso estimular a criança desde nova aos conhecimentos e ao que eles trarão de novidade a sua vida. Nessa abordagem fala do brincar, do cuidar e de como os estímulos aproximam as crianças da aprendizagem prazerosa.

Camargo (2012) em seu livro “Desenvolvimento Infantil e Processos de Aprendizagem e Ensino afirma que: alguns olhares e contribuições envolve a necessidade de mediação do professor e da sua preparação/formação para a alfabetização.

Castanheira, Maciel e Martins (2009) nos reportam, em seu artigo “Alfabetização e letramento na sala de aula” ao planejamento como melhoria nas práticas de alfabetização, destacando que não é necessário muita coisa



para que a criança na Educação Infantil aprenda, esta fase é o início do processo.

Kramer (2005) em seu artigo intitulado “O papel social da Pré-escola” destaca que a educação no âmbito infantil é base para o Ensino Fundamental (a que na época se configurava como 1º Grau). A criança precisa ser orientada, precisa receber informações e conhecimento para que não tenha dificuldades pela frente.

Coelho (2010) destaca, em seu artigo “O Processo de Letramento na Educação Infantil” que alfabetizar deve caminhar junto com o letramento, pois é relevante que a criança compreenda o que lê e leve esse conhecimento para a vida. Faz algumas concepções de alfabetização e letramento até alcançar a ideia de que as ações se complementam.

Libâneo (2014) insere, em sua obra “Didática”, momentos relevantes do planejamento e de sua relevância à prática docente na alfabetização na escola. Sua ideologia confere subsídios à organização que o professor/alfabetizador deve ter em suas aulas.

Soares e Batista (2015) no Caderno do Professor, “Alfabetização e Letramento” propõem teoria e atividades que indicam a alfabetização e o letramento como consequência de uma prática responsável, que aproxima as crianças do conhecimento em relação à leitura e à escrita, e não apenas algo de memorização, ações forçadas, mas uma contribuição da escola à aprendizagem dos alunos

Todas essas ideias, aliadas a outros autores, subsidiaram as discussões aqui apresentadas, conferindo um caráter científico aliadas aos esclarecimentos contidos nas entrevistas com os atores da escola pesquisada, sobre as suas práticas.

METODOLOGIA AS PESQUISA

O estudo traçado para o desenvolvimento do trabalho foi, inicialmente, bibliográfico, de fontes secundárias, de maneira que esta embasasse a argumentação a partir de estudos e pesquisas de autores sobre o tema ou



afins. A respeito deste tipo de pesquisa, Marconi e Lakatos (2007, p.185) destacam que:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. (...).

Ratifica-se a pesquisa bibliográfica, classificando-a, conforme Marconi e Lakatos (2007, p.185), como exploratória, haja vista que tratou o tema e suas vertentes à luz de conceitos preexistentes.

[...] a bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente' e tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

A pesquisa bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2007, p.185), trata o tema e suas vertentes à luz de conceitos preexistentes.

[...] a bibliografia pertinente oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente' e tem por objetivo permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

A partir das leituras realizadas, foi desenvolvido o devido fichamento das mesmas para que pudéssemos argumentar, conceituar e analisar, de maneira crítica, as ideias enfocadas. Importa esclarecer que a escolha da literatura buscou privilegiar obras atuais, entretanto há casos em que obras mais antigas foram referendadas, haja vista a sua importância em relação ao tema e sua influência sobre alguns autores contemporâneos.

As fontes pesquisadas foram livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado e demais trabalhos acadêmicos e artigos, além das entrevista de sujeito participante da pesquisa: professora do 1º Ano do Ensino Fundamental.

Como procedimentos de coleta de dados recorreremos a um questionário para entrevista semiestruturada realizada com a professora de Língua Portuguesa do 1º ano de escola municipal de Jaguaré-ES, a fim de



construirmos informações sobre seu perfil e sobre o seu trabalho com a aquisição da língua escrita. Além disso, realizamos uma sondagem diagnóstica com cinco crianças para investigar os seus níveis e hipóteses de escrita e leitura.

Após a pesquisa e coleta de dados, desenvolvemos análise acerca do tema focado, o que nos possibilitou a elaboração de gráficos, quadros e tabelas, os quais, de forma objetiva e clara possibilitam os resultados encontrados.

Consideramos relevante ao processo de compreensão da pesquisa prática, que se deu numa escola municipal de Jaguaré-ES. Por questões éticas e solicitação da gestora escolar, designamos a instituição participante pelo nome fictício Escola “C”. Sua demanda se direciona ao Ensino Fundamental I, ou seja, alunos do 1º ao 5º Ano, no diurno e EJA A escola “C” é subordinada à rede municipal e possui 531 alunos (segundo dados do Censo Escolar de 2018) e se localiza no centro do município de Jaguaré.

A instituição funciona nos três turnos e possui no turno matutino: duas turmas de 1º. ano; duas turmas de 2º. ano; três turmas de 3º. ano; quatro turmas de 4º. ano; três turmas de 5º. ano, totalizando 13 turmas. No turno vespertino, há: duas turmas de 1º. ano; duas turmas de 2º. ano; duas turmas de 3º. ano; duas turmas de 4º. ano; uma turma de 5º., totalizando nove turmas. Dessa forma, no geral as turmas do diurno, no Ensino Fundamental I, perfazem 22 turmas com, em média, 25 alunos cada. No turno noturno estão as turmas da Educação de Jovens e Adultos.

Além das salas de aula, a unidade de ensino possui uma biblioteca bem equipada, com acervo atualizado de livros para pesquisa, dicionários, computadores e literatura brasileira; possui ainda, quadra de esportes coberta, refeitório, cozinha, laboratório de informática, banheiros para alunos inclusive para deficientes), sala de professores, banheiro para docentes, pátio interno e externo, parquinho, cantina, almoxarifado, sala de direção e supervisão. Todos os espaços são acessíveis.

Em relação ao trabalho pedagógico, a Escola “C” é referência em educação no município e na região, pela qualidade do ensino prestado e pelas



metas alcançadas com sucesso em todos os descritores medidos nas avaliações externas.

Após a solicitação e autorização prévia da gestão escolar, no primeiro semestre do ano 2018, realizamos a entrega dos questionários para serem respondidos pelas docentes quatro professoras alfabetizadoras das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental onde duas lecionam no matutino e as outras duas no vespertino.

No primeiro momento, obtivemos o conhecimento de que se tratavam de 04 (quatro) professoras, na faixa etária a saber:

Tabela 1: Faixa etária das professoras

Professoras	Idade
1º A	35
1º B	32
1º C	41
1º D	46

Esse reconhecimento das idades das participantes as caracteriza como jovens senhoras, cuja faixa etária varia entre 32 a 46 anos, indicando que são pessoas com experiência de vida, nenhuma delas se encontra na fase de vinte anos ou menos. Também não se tratam de professoras em início de carreira, pois sua indicação foi a de certa experiência na docência e no 1º ano do Ensino fundamental.

As crianças na faixa etária de seis anos, advém da Educação Infantil e há poucos casos de defasagem idade/série, e nenhuma delas possui laudo de deficiência.

Não se desenvolveu descrição de etnias, mas se o fizesse, em observação, poderia se constar que a maioria são de negros e descendentes africanos e a minoria de imigrantes europeus. Quanto à classe social, constatou-se por observação e pelo último censo escolar que a maioria é classificada como baixa. A minoria está indicada como classe média. Essa realidade ainda é aspecto peculiar da educação pública no país.

Realizamos a entrevista no primeiro semestre do ano 2018, tendo como participantes quatro professoras do 1º ano atuantes há mais de oito anos no magistério, sendo que destes, mais de cinco são dedicados ao 1º ano do



Ensino Fundamental I. Cada uma das questões será descrita a partir de agora e as respostas das professoras serão transcritas sem nenhuma alteração. Após cada transcrição, será tecida a análise em forma de comentário comparando o que as quatro professoras declararam.

Primeira questão: “Há quanto tempo você trabalha na docência e, destes, com turma de 1º ano?”, em que as respostas foram:

Tabela 2: Experiência dos professores na docência e no 1º. ano

Professoras	Tempo na docência	Tempo no 1º. ano
1º A	12 anos	07 anos
1º B	09 anos	05 anos
1º C	16 anos	10 anos
1º D	24 anos	15 anos

Esses dados acenam para a ideia de que as professoras além da experiência no magistério, também possuem tempo suficiente no 1º ano, ou seja, na alfabetização de crianças. Ao desenvolver a entrevista, já se considerava que seria relevante, pois cada uma das docentes poderia acrescentar dados importantes sobre o tema enfocado.

Independentemente de ser no 1º ano, a próxima pergunta, se direcionou a investigar sobre a docência em turmas de alfabetização, podendo ser do 1º ao 3º ano: “Há quanto tempo você atua em turma de alfabetização?”

Professora -1º A: Trabalho há 12 anos, sendo 07 no 1º e os demais em turmas de 2º e 3º ano.

Professora -1º B: Há 06 anos, um ano no 3º e o restante agora no 1º. ano.

Professora -1º C: Há 12 anos. Destes, 02 trabalhei no 3º ano, mas não gostei porque os alunos chegavam sem serem alfabetizados, na maioria, aí pedi à diretora da época para trocar pelo 1º ano, onde estou há exatos 10 anos.

Professora -1º D: Trabalho há 15 anos, sempre no 1º ano. Antes trabalhava com turmas mais velhas de 5º ano.

Constatamos, pelas respostas, que a experiência em anos é menor da professora do 1º B, que foi indicada como seis anos, as demais atuam na alfabetização há mais de 10 anos, o que denota tempo significativo nas turmas de alfabetização.



Prosseguindo, a terceira questão envolve o tempo aliado à instituição: “Há quanto tempo atua em turma de alfabetização na escola atual?”. A resposta a esta pergunta foi unânime em apontar a experiência anterior na mesma escola em que se encontra atualmente (até a data da entrevista).

Professora -1º A: Trabalho esses 12 anos na mesma escola.

Professora -1º B: Os 06 anos são na escola atual.

Professora -1º C: Há 12 anos nesta escola, sou efetiva aqui”.

Professora -1º D: Tenho 15 anos só nessa escola.

Trabalhar no mesmo local traz vantagens e desvantagens. Entre as vantagens estão os laços de amizade, a segurança ao desenvolver o trabalho, desenvoltura e clareza nas ações. Em contrapartida, como desvantagem entende-se a falta de motivação e a acomodação, pois não há perspectiva de mudança, ainda mais há tantos anos e uma série apenas.

Saindo da questão do tempo e da experiência, nos voltamos à prática docente. Dessa forma, a quarta pergunta averigua: “Você desenvolve a leitura com base nos PCNs? De que forma?”

Professora -1º A: Procuo incluir os parâmetros em meus planejamentos, mas não em todos. Eles trazem os temas transversais, que versam sobre temas atuais e que precisam ser reforçados.

Professora -1º B: Não. Atualmente só me utilizo da BNCC, penso que os PCNs já estão um pouco ultrapassados, são de 1997, precisamos nos atualizar e as nossas aulas também.

Professora -1º C: Nesses 12 anos que trabalho sempre gostei de planejar as leituras usando os PCNs quando é possível. Quando não é, incluo outros documentos e informações. Nem tudo pode se basear neles.

Professora -1º D: Até um tempo atrás, sim. Mas agora, nem tudo me reporto a eles, pois foram criados há muitos anos, há mais de 20. Hoje a prática pedagógica se volta a Base Nacional Comum Curricular, mais atualizada. A leitura precisa ser de ficção, mas também ter base real.

De fato, os PCNs foram implementados há cerca de 20 anos, mas não perderam sua essência, temáticas voltadas à transversalidade, como: cidadania, meio ambiente, tecnologia e sexualidade são e devem ser



envolvidos em leituras variadas, sendo contos de fadas ou textos informativos. O uso mais constante da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se deve às diretrizes mais atuais, que destacam sua relevância ante o que deve ser ensinado de forma comum entre escolar, buscando alinhar o trabalho pedagógico, mas nada que seja a “receita”, documento a ser pesquisado, um apoio, devendo, o professor, elaborar seu planejamento com base em outros recursos, como: livros paradidáticos, jornais e revistas, internet, PCNs, programa de ensino municipal e outros que tiver acessíveis.

A quinta questão pode ser considerada como complementar à pergunta anterior (04): “E a produção de texto baseada nos PCNs, como é feita?”

Professora -1º A: Procuo referendar os textos escolhidos com algum dos temas transversais dos PCNs, quando possível e na maioria das vezes consigo. É mais fácil escolher o texto e depois associá-lo com o PCN do que o contrário. Semana passada trabalhei a fábula a Cigarra e as formigas e abordei Cidadania.

Professora -1º B: Como disse, não me utilizo mais dos PCNs, faço meu planejamento envolvendo a BNCC.

Professora -1º C: Há leituras que podem envolver os PCNs, aí utilizo, destacando os temas possíveis de encontrar em seu domínio. Quando não é possível, não cito e nem envolvo.

Professora -1º D: Alguns planejamentos consigo fazer abordagem de temas dos PCNs, mas ultimamente, são poucos que encontro. Aí planejo com outros recursos.

A sexta questão indaga: “Como são trabalhadas as áreas do conhecimento em alfabetização no 1º ano?”

a) Linguagem:

Professora -1º A: Baseada em criação de palavras, frases curtas e pequenos textos.

Professora -1º B: Oralidade e escrita, sendo em formado mais curto, para que as crianças leiam e entendam o que leram.

Professora -1º C: Jogos, brincadeiras, leitura e escrita de frases curtas e textos bem pequenos.

Professora -1º D: Atividades escritas e orais, recursos lúdicos, diálogos e momentos de conversa, pesquisas, leitura e contação de história.



Constatamos que a linguagem é trabalhada através de recursos diferenciados, o que agrega significado ao ensino e conseqüentemente motiva a aprendizagem. As professoras citaram mais de uma estratégia no processo de alfabetização da língua materna, o que é vantajoso.

Os recursos lúdicos são explorados, o que contribui positivamente para que aprender a ler e escrever não seja algo cansativo, mas uma atividade prazerosa. O mesmo se dá no trabalho voltado à interpretação e compreensão do texto ou frase, pois não se trata de decodificar letras e sílabas, mas de ler fluente e escrever e compreender o que se lê.

Em relação à Matemática, entendemos que alfabetizar não envolve apenas a linguagem e seus percursos, mas também essa área do conhecimento.

b) Matemática

Professora -1º A: Números falados e escritos, recursos concretos, jogos.

Professora -1º B: Jogos, brincadeiras, atividades escritas, recursos concretos.

Professora -1º C: Recursos concretos, ludicidade, atividades escritas, situação-problema e outros.

Professora -1º D: Jogos, brinquedos e brincadeiras, atividades escritas e orais, ábaco, material dourado.

As quatro professoras se utilizam de recursos concretos e lúdicos, além de outros que cada uma tem em sua prática. Importa destacar que a ludicidade e os recursos concretos são meios acessíveis, podendo ser confeccionados por docentes e discentes, bem como formas de o aluno associar, por exemplo, a quantidade com os números.

A utilização de situações-problemas podem envolver o dia a dia dos alunos, da escola, da sala de aula, de forma que não se torne um conteúdo distante da vivência discente, mas algo que acontece com qualquer um. Experimentar situações não ocorre apenas em Matemática, mas também na disciplina de Ciências.

c) Ciências:

Professora -1º A: A partir do livro.



Professora -1º B: Caderno com anotações, livro, temas desenvolvidos em projetos.

Professora -1º C: Experiências, projetos e livro didático.

Professora -1º D: Pesquisas na internet e em livro, visita de campo, projetos e livro didático.

O livro didático é um recurso importante, pois geralmente agrega conteúdos do ano em que o aluno se encontra com temas gerais, mas não pode ser considerado o único, como expôs a professora do 1º B.

É preciso que o professor seja um inovador e se utilize, além do livro, de recursos como projetos, o caderno para fazer os registros, pesquisas na *internet*, projetos variados, visitas de campo e experiências, sempre a partir de temas que sejam relevantes para a turma, que a envolvam em momentos de aprendizagem e socialização de conhecimento.

d) Geografia:

Professora -1º A: Também a partir do livro e de temas geradores que surgem.

Professora -1º B: Da mesma forma que Ciências, caderno com anotações, livro, temas desenvolvidos em projetos.

Professora -1º C: Livro didático, projetos e em caderno.

Professora -1º D: Pesquisas na internet e em livro, visita de campo, projetos e livro didático.

Na disciplina Geografia, as metodologias de ensino são praticamente as mesmas, variando apenas os conteúdos. Essa dinâmica indica que a disciplina pode ser trabalhada da mesma maneira que em outras disciplinas.

e) História:

Professora -1º A: Também a partir do livro e de temas geradores que surgem.

Professora -1º B: Da mesma forma que Geografia e Ciências, caderno com anotações, livro, temas desenvolvidos em projetos.

Professora -1º C: Livro didático, projetos e em caderno.

Professora -1º D: Pesquisas na internet e em livro, projetos e livro didático.



A área de História também é trabalhada como a Ciências e a Geografia. Essa possibilidade dá margem para que se desenvolva a interdisciplinaridade, para que cada uma se una as demais e conjuntamente realizem o estudo a respeito de determinado assunto, tema, ou afim.

A alfabetização não quer dizer apenas aprender a ler e escrever, ela é mais do que isso, envolve a aprendizagem plural de temas e áreas do conhecimentos diversificados. Através do estudo interdisciplinar ou multidisciplinar, o professor é capaz de desenvolver competências em seus alunos. Dessa forma, a sétima pergunta interrogou: “Que competências deseja desenvolver em seus alunos:”

a) Na leitura?

Professora -1º A: Leitura fluente e interpretação crítica do que ler.

Professora -1º B: Socialização com os demais colegas e com a professora, fluência e compreensão do assunto tratado no texto.

Professora -1º C: Alfabetização e letramento, bem como a leitura fluente em que possa desenvolver a compreensão do tema.

Professora -1º D: Segurança ao ler e compreender o que desenvolveu, transmitir a mensagem com clareza aos que ouvem e obter conhecimento de temas variados a partir dos textos lidos.

As professoras do 1º ano destacam que a leitura não é apenas decodificar sílabas, balbuciando ou gaguejando o que se apresenta. Ao ler, a criança precisa estar segura e conhecer o que está lendo, para que compreenda o assunto. Ler é se envolver, é interpretar de maneira simples, sendo capaz de interpretar e repassar a mensagem do texto, se preciso.

Escrever também tem sua característica, deixando de ser apenas uma ação copista.

b) Na escrita?

Professora -1º A: Transmissão da fala para a escrita sem muita dificuldade, organização e transcrição de ideias assimiladas.

Professora -1º B: Associação entre a escrita e a leitura, desenvolvimento da escrita autônoma.



Professora -1º C: Conhecimento e transcrição das formas elementares da ortografia, semântica e sintaxe, elaboração de escrita a partir da organização das ideias e opiniões.

Professora -1º D: Copiar sem dificuldade, elaborar frases e textos de maneira autônoma, transpor a leitura ou a oralidade para a escrita.

Conforme as professoras afirmaram em suas respostas, escrever deve ter associação com a leitura e com a oralidade, porque senão o aluno se torna apenas copista, reproduzindo o que a professora repassa e não escrevendo o que deseja ou precisa, tornando-se um ato voluntário, subordinado ao que os outros escrevem.

Existem ideias que são próprias de cada pessoa, de cada profissional, e, nesse sentido, as professoras alfabetizadoras puderam responder à oitava questão: “Como você conceitua?”

a) a alfabetização:

Professora -1º A: Ato de ler e escrever.

Professora -1º B: O ensino-aprendizagem da leitura e escrita de palavras, textos.

Professora -1º C: Aprendizagem da leitura e escrita de forma autônoma.

Professora -1º D: Ler e escrever o que a professora ensinou e o que existe na vida.

As professoras entrevistadas mostraram que a alfabetização é ler e escrever de maneira autônoma, ou seja, por si, e acrescenta-se que as crianças não aprendem igual e nem ao mesmo tempo. Cada uma possui seu período de maturação, em que está intelectualmente preparada para ler e escrever fluentemente. A decodificação inicial se torna o conhecimento e a segurança em alfabetizar, diferentemente do letramento.

b) o letramento:

Professora -1º A: Entender o que traz a alfabetização.

Professora -1º B: O contexto além da alfabetização.

Professora -1º C: A própria existência enquanto ser alfabetizado. O conversar, o interagir, a compreensão das estruturas leitura/escrita, a interpretação da alfabetização.



Professora -1º D: O letramento é para a vida toda, ao mesmo tempo em que a criança está alfabetizada ela vai adquirindo seu letramento, que continua por toda a vida as aprendizagens em torno do que aprende e utiliza.

Entendemos, pois, que o letramento envolve a conquista diária de poder ler, escrever, compreender, interagir, criticar, “empoderar” ... persiste durante toda a vida dos indivíduos, que fazem uso da leitura, fala e escrita em prol do letramento, adquirindo experiências e conhecimentos, repassando-os às demais pessoas.

O letramento envolve “aprendizagem”, pois não há como praticar sem que antes haja o conhecimento adquirido, a assimilação.

c) a aprendizagem:

Professora -1º A: Aprender o que foi ensinado, gravar os conteúdos.

Professora -1º B: Assimilar o que foi ensinado ou o que lhe interessa aprender.

Professora -1º C: Ter interesse por algo ou assunto, pesquisar ou aprender a partir de alguém que se sujeita a ensinar.

Professora -1º D: Adquirir conhecimento através de uma pessoa que orienta ou através da própria vontade de conhecer.

Nesse sentido, as respostas expressam que aprender não depende exclusivamente de ser na escola e através do professor. Ao que as professoras respondem, aprendizagem envolve vontade, interesse, e este pode ser motivado a isso. Também, através do desejo em aprender, os alunos podem pesquisar, por si, e conhecer o que lhes interessa. Daí a necessidade de orientar, de direcionar, envolvem diretrizes que podem levar as crianças a aprender no período de alfabetização, especialmente.

A curiosidade aguça o desejo em aprender e pode ser estimulada pelo docente através de estratégias, recursos didáticos, metodologia, ou seja, planejamento que tenha por objetivo a aprendizagem significativa da criança.

Ensinar não é só tarefa da escola e do professor. Em casa os alunos também aprendem e, algumas vezes, o envolvimento familiar, no processo de alfabetização, não é sistemático e motivador.



A esse respeito, a nona pergunta interroga sobre “Que auxílio/complemento a família dos alunos oferece em relação aos deveres de casa, leitura e outras atividades de alfabetização?”

Professora -1º A: Quase nenhum auxílio em atividades, muito menos em leitura.

Professora -1º B: Há pais, na maioria, que não ajudam os filhos em nada que vai para fazer em casa. Outros poucos auxiliam.

Professora -1º C: As mães reclamam quando vai tarefa de casa ou leitura para fazer com os filhos, alegam chegar cansadas em casa e não têm tempo. Há crianças que fazem do jeito que sabem, outras voltam com as atividades sem fazer.

Professora -1º D: Já passei tanta raiva, que a maioria não faz, que mando pouca atividade para casa, a maioria das atividades que faço com os alunos é em sala

Por meio das respostas ao questionamento, os pais/familiares não se envolvem no auxílio de atividades de casa, nem o mínimo esperado pelas professor, fator que dificulta o desenvolvimento dos alunos.

Importante, além das atividades de casa relacionadas à leitura e escrita é a participação dos responsáveis nos eventos realizados pela escola, atitude que oportunizaria que escola e família estabelecessem uma parceria em prol do desenvolvimento e do processo de avaliação das crianças. Sobre a participação dos responsáveis, a décima pergunta questiona: “Qual a participação da família nos eventos e atividades realizados pelos alunos do 1º Ano na escola?”

Professora -1º A: Poucas mães participam devido ao tempo escasso.

Professora -1º B: A maioria participa, mas por um tempo curto, sempre alegando que tem algo para fazer.

Professora -1º C: A maioria participa, pois no 1º ano ainda são pequenos e dependentes de sua presença, as crianças cobram dos pais.

Professora -1º D: Pouca participação, em grande parte são as mães e depende do evento. Nas festas são mais frequentes que em reuniões.

As respostas nos remete que a participação dos familiares em eventos e atividades é pequena, o que se dá pela justificativa de falta de tempo.



Entretanto, entendemos que os filhos/crianças são de responsabilidade dos pais e estes devem se envolver na vida escolar dos filhos de forma a motivá-los a um desenvolvimento social, cognitivo e intelectual pleno. Além da ausência familiar, existem outros percalços em se trabalhar com turmas de 1º ano.

A última pergunta, 11ª, interroga: ‘Quais dificuldades você percebe ao trabalhar com turma de 1º Ano?’

Professora -1º A: Além da falta de acompanhamento das famílias, a falta de material, tendo que reciclar muita coisa.

Professora -1º B: A dificuldade de aprendizagem por parte de alguns alunos, a negligências dos pais com atividades de casa.

Professora -1º C: Algumas crianças são mais interessadas do que outras. Há alunos com deficiência sem laudo e poucos planejamentos na escola, pois alguns são usados para atendimento e para encontro com a pedagoga, assim tenho que levar trabalho para casa.

Professora -1º D: A necessidade de mais recursos didáticos, mais planejamentos para melhorar as aulas, falta de apoio de pais de alguns alunos que não se envolvem na vida escolar dos filhos.

Percebemos que a escola/professoras sentem a falta do apoio dos pais na educação dos filhos. A motivação e o acompanhamento das atividades são pontos relevantes para que as crianças aprendam na fase de alfabetização. Entretanto, se não obtiverem esse auxílio em casa, certamente a situação ficará mais complexa para o professor atuar sozinho, No próximo item, é desenvolvida a sondagem através de atividades desenvolvidas pelos alunos.

Conclusão

Quando o professor atua nas turmas de alfabetização e letramento ele precisa estar preparado para as dificuldades que pode encontrar em sua prática diária, pois como alertam os autores aqui citados, as situações de aprendizagem são imprevisíveis, e a cada dia acontece de uma maneira diferente. Entretanto, a formação docente é um ponto relevante, pois a partir do conhecimento teórico busca subsídios que enriquecem sua prática, contribuindo para um planejamento que abranja estratégias de ensino-aprendizagem focados em recursos concretos, como atividades lúdicas e em



associações do conteúdo com elementos que os alunos conheçam fora do contexto da escola, ou até mesmo em seu interior.

Destacamos ainda, que ao alfabetizar e letrar uma criança, o professor precisa entender que não estará apenas ensinando a decodificar letras, sílabas, palavras, estará orientando a leitura de um cidadão que aprenderá a ler e compreender palavras, gestos, imagens, pessoas e o mundo, contribuindo para com as mudanças necessárias a seu favor. Na Educação Fundamental I, a criança se interessa por atividades diversificadas, e quanto mais o professor for inovador, mais ela terá sua aprendizagem qualitativa e significativa, pois os alunos também aprendem a partir de aspectos sociais, ambientais e biológicos

Existem algumas competências que o professor deve observar, para se sentir mais seguro em suas práticas, como: tornar-se um pesquisador – é importante e necessário, pois terá material disponível para trabalhar com os alunos; estar constantemente buscando informações em múltiplos meios e na troca de experiência com os colegas; deixar claro, para os alunos, o objetivo de cada atividade, seja relacionada à leitura ou não, pois se entende que, quando são informados sobre o que se pretende com cada proposta, os alunos encontram mais sentidos e motivação para desenvolvê-las.

A criança deve ser orientada, sempre, que os conteúdos que ela está aprimorando são importantes para sua vivência diária e quanto mais o professor trabalhar direcionado a esse intento, mais seus alunos aprenderão. Para isso, as simulações são atividades interessantes de se desenvolver, em que o aluno estará aplicando o que está sendo ensinado à situações-problema que pode vir a acontecer com ele.

Como dito inicialmente, o trabalho voltado ao 1º ano do Ensino Fundamental deve contemplar meios voltados à realidade da criança, em que ela poderá aprender de forma agradável e ao mesmo tempo significativa.

Dentre as múltiplas formas do professor se envolver com a sua prática, pensamos que além da atualização de informação e pesquisas sobre o tema, é relevante que provoque na escola, temas geradores para debates e textos para estudos e troca de experiências, envolvendo professores de outras instituições escolares, bem como pessoas da comunidade que tenham estudos mais



avançados sobre o tema. Um ciclo de palestras é sempre bem-vindo acompanhado de debates e culminado com conceitos da sua prática diária.

Embora o poder público se esforce, ainda não apresenta uma educação continuada para capacitar, com a devida vênia os professores que desempenham seu mister em turmas do 1º, ano do Ensino Fundamental, por esse motivo, não devemos esperar somente que as políticas públicas tomem tal iniciativa. Vale a pena unir esforços para uma prática responsável, consciente e relevante em sala de aula. Apesar da carga de trabalho do professor, é importante ter a mente aberta e valorizar os tipos de aprendizagem, principalmente aquelas, além das tradicionais. Há jogos infantis que comprovam que a ludicidade é uma boa estratégia nesse processo. O professor pode, por exemplo, promover a leitura de histórias infantis em roda; incentivar as crianças a contarem oralmente as histórias que escutam em casa; declamar poesias enfatizando os sons e os ritmos das palavras; promover associações entre objetos, letras e sílabas.

O respeito pelos diferentes ritmos que cada criança tem, deve ser observado, uma vez que algumas já chegam na escola com contato maior e diversificado com o mundo letrado. Outras, demandam de maior cuidado e atenção, precisando ser inseridas no mundo da escrita por uma maneira diferente e mais cativante. Mesmo diante das dificuldades, professor, não desanime: o importante é não deixar de procurar métodos que sejam adequados para cada criança. Com as mudanças acontecendo de forma rápida e dinâmica em nossa sociedade atual, graças aos meios digitais, é imprescindível que os profissionais da educação se atualizem e busquem cursos de especialização ou reciclagem a fim de inovarem as suas práticas de acordo com as necessidades da turma e dos alunos, pois cada um possui suas peculiaridades que devem ser respeitadas.

Referências

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação – Secretaria da Educação Fundamental – Brasília, 33ª Edição, 1998.

CAMARGO, Poliana da Silva Almeida Santos. **Desenvolvimento Infantil e Processos de Aprendizagem e Ensino**: alguns olhares e contribuições. 2012.



Disponível em www.dentclean.com.br/dentclean/Portugues/manPublicacao.php?c=6. Acesso em 12 maio de 2018.

CASTANHEIRA, Maria lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora: Ceale, 2009.

COELHO, Silmara. **O Processo de Letramento na Educação Infantil**. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p. 1-117, nov. 2010 – Semestral. Disponível em: periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/download/4848/5027. Acesso em 15 de maio de 2018.

FREIRE, Paulo. **Alfabetizando leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FERREIRO, Emília. **Reflexão sobre Alfabetização**. 26. ed. São Paulo Cortez, 2011- (coleção questões da nossa época; v6).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. De Diana Myriam. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática. 2009.

KRAMER, Sônia. **O papel social da Pré-escola**. Cad. Pesquisa, agosto de 2005. Disponível em: dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat8.pdf. Acesso em 10 de maio de 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2007.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26ª Reunião Anual da ANPEd, realizada em Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2018.

SOARES, Magda Becker; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e Letramento**. Caderno do Professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2015.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2008.



Cleonice Osmara Rodrigues da Silva

ircleonice@hotmail.com

Graduada em Letras Português-Inglês pela Faculdade UNIPAC. Graduada e Pedagogia pela Faculdade UNINOVE. Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdade Vale do Cricaré – FVC. Especialização em Gestão Escolar pela Faculdade Norte Capixaba - MULTIVIX. Atua como Professora do Ensino Fundamental I no município de Jaguaré-ES. Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré – FVC.

Sônia Maria da Costa Barreto

Doutora em Comunicação e Semiótica PUC/SP - Mestre em Educação UFES - Especialista em Tecnologia Educacional e Estudo de Problemas Brasileiros UFES - Licenciada e Bacharelada em História UFES - Professora aposentada da UFES - Professora do Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação na Faculdade Vale do Cricaré/São Mateus.

